

Figuras da Psicopatologia

Esquema da aula de 12 de julho de 2014

1) TEXTOS:

Neurose e Psicose (S. Freud - 1923-1924 - vol. XIX - Obras Completas)

A perda da realidade na neurose e na psicose (S. Freud - 1924 - vol. XIX - Obras Completas)

Ansiedade e Pulsões -

www.franklingoldgrub.com

<http://www.franklingoldgrub.com/psico/wp-content/uploads/2012/08/Ansiedade-e-Puls%C3%B5es.pdf>

Édipo e Gênero -

www.franklingoldgrub.com

<http://www.franklingoldgrub.com/psico/wp-content/uploads/2012/08/%C3%89dipo-e-G%C3%AAnero.20141.pdf>

Para consultar outros artigos, bem como capítulos de livros, basta ingressar no site acima (www.franklingoldgrub.com) e clicar, na página inicial, no item de interesse. (Por exemplo: Artigos de Psicanálise, Livros, Aulas, Programas de Estudo, Resenhas de livros e artigos publicados em jornais, e outros)

2) ESQUEMA DA AULA SOBRE FIGURAS DA PSICOPATOLOGIA

(Figuras da Psicopatologia: as formas de conflito [neurose, psicose, perversão] e o não conflito [sublimação] que definiriam a relação do ser humano com o outro).

Em Neurose e Psicose Freud retoma as elaborações referentes à 2ª. tópica para definir neurose e psicose, feitas no texto O Ego e o Id (1923).

“Neurose é um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio nas relações entre o ego e o mundo externo”.

Ele acrescentará: *“A etiologia comum ao início de uma psicose e de uma neurose... consiste em uma frustração, em uma não realização, de um daqueles desejos de infância que nunca são vencidos e que estão tão*

profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada”¹.

Embora mencione como fonte da frustração o mundo externo, *“ela pode proceder do agente interno (superego, que assumiu a representação das exigências da realidade”*.

Outro acréscimo importante: *“...as neuroses narcísicas corresponderiam a um conflito entre ego e superego”*.

A fórmula mais simples e completa para descrever os respectivos conflitos seria:

Neuroses de transferência = conflito entre ego e id; neuroses narcísicas = conflito entre ego e superego; psicoses = conflito entre ego e o mundo externo.

No final do texto, Freud menciona ainda a perversão, cuja finalidade seria *“evitar uma ruptura em qualquer direção, deformando-se, submetendo-se a usurpações em sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio”*.

“Desse modo, as incoerências, excentricidades e loucuras dos homens apareceriam sob uma luz semelhante às suas perversões sexuais, através de cuja aceitação poupam a si próprios repressões (tradução correta: recalques)”.

Freud considera que *“Uma complicação nessa situação é introduzida nessa situação aparentemente simples, contudo, pela existência do superego, o qual, através de um vínculo ainda não claro para nós, une em si influências originárias tanto do id como do mundo externo e constitui, até certo ponto, um modelo ideal daquilo a que visa o esforço total do ego: uma reconciliação entre seus diversos relacionamentos dependentes. A atitude do superego deveria ser tomada em consideração – o que até aqui não foi feito – em toda forma de enfermidade psíquica”*.

Em A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose, Freud se ocupa em descrever e diferenciar os dois momentos em que esses dois conflitos se expressam, momentos que seriam exatamente opostos, embora tenham em comum o fracasso dessas tentativas.

No texto, Freud emprega constantemente o conceito “realidade”.

¹ É possível discordar desse raciocínio de base biológica, que se expressa nos termos “filogeneticamente determinada”.

No início do texto Freud questiona seu argumento anterior, de que, na neurose, o ego entra em conflito com o id enquanto representante da realidade. *“Isso, porém, não concorda em absoluto com a observação... de que toda neurose perturba de alguma maneira a relação do paciente com a realidade...”*

Essa crítica, escreve Freud, poderia ser superada quando se distinguem, tanto na neurose como na psicose, dois momentos.

Na neurose, o primeiro momento corresponderia a uma vitória da aliança ego/realidade sobre o id, expressa pelo recalque (“repressão”). Mas o recalque nunca é bem sucedido. O retorno do recalçado causa o sintoma, que por sua vez afeta a relação do sujeito com a realidade.

Na psicose, o primeiro momento corresponde à perda de contato com a realidade. Se, porém, na sequência houver um delírio, este representaria um retorno do contato com a realidade, mesmo se através de uma construção (série de crenças) dominada pelo id (definido como depositário dos desejos infantis), construção que deformaria a realidade.

“Na neurose a obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga... a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la.”

O espaço que poderia ser concedido à sublimação é assim descrito: *“Chamamos um comportamento de “normal” ou “sadio” se ele combina certas características de ambas as reações – se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas se depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade. Naturalmente, esse comportamento conveniente e normal conduz à realidade do trabalho no mundo externo; ele não se detém, como na psicose, em efetuar mudanças internas. Ele não é mais autoplástico, mas aloplástico”.*

Em relação à psicose, uma observação extremamente interessante: *“O fato de que em tantas formas e casos de psicose as paramnésias, os delírios e as alucinações que ocorrem serem de caráter muito aflitivo e estarem ligados a uma geração de ansiedade, é sem dúvida sinal de que todo o processo de remodelamento é levado a cabo contra forças que se lhe opõem violentamente”.*

Freud não nos diz que forças são essas.

Para prosseguir na reflexão que ele iniciou (descrição da neurose, da psicose, da perversão e da sublimação) será necessário retomar os conceitos de superego, realidade, desejos infantis e abordá-los no quadro da teoria das

pulsões, da teoria da constituição do sujeito (inclusive complexo de Édipo, e teoria do desenvolvimento da libido), que conduzirão no desenvolvimento das concepções vigentes sobre a nosografia (neurose, perversão, psicose, sublimação).

- 1) Superego. Conceito, como escreveu Freud, que precisaria ser desenvolvido e relacionado com todos os conflitos (e, além dos conflitos, com o não-conflito, ou seja, a sublimação).

Freud descreveu o superego com relação à neurose (proibição do prazer, porque ligado à relação edipiana) e à depressão (agressão do superego contra o ego).

Seria necessário acrescentar (como fez Lacan) o papel do superego na perversão (compulsão à transgressão). Além disso, o superego também estaria relacionado à mania (o sujeito julgaria ter atingido o ideal de ego, posição exatamente oposta à depressão, em que o sujeito se vê nos antípodas do ideal de ego).

Ainda: na paranoia, os pensamentos persecutórios não são reconhecidos enquanto próprios (como se o conteúdo do superego tivesse origem externa).

- 2) Realidade. A ser corrigido pelo conceito de realidade psíquica, desenvolvido pelo próprio Freud e que não teria como ser conciliado com a realidade propriamente dita, externa ao sujeito.

Desse ponto de vista, a psicose não poderia ser representada como um conflito entre o sujeito e o mundo externo, já que o mundo externo é representado psiquicamente de maneira diferente (singular) por cada sujeito, de acordo com a estrutura da sua relação com o outro.

Como descrever então a psicose, de acordo com essa lógica?

- 3) Teoria das pulsões. A segunda teoria das pulsões implica não somente na mudança da primeira teoria das pulsões (ou seja, pulsões do ego vs pulsões sexuais, substituída por pulsões de vida [relação com o objeto de desejo] vs pulsões de morte [ruptura com o objeto de desejo], mas altera igualmente a teoria dos princípios. A primeira teoria dos princípios se apresentava como o embate entre princípio do prazer e princípio da realidade. A segunda teoria dos princípios se define como o embate entre o princípio do prazer/desprazer (relação com o objeto de desejo) e princípio do nirvana (ruptura com o objeto de desejo)

Dessa forma, a psicose se definiria como um conflito em que a ruptura com o outro (objeto de desejo) predomina sobre a relação com o outro (objeto de desejo). O princípio do Nirvana se situaria junto à pulsão de morte, o princípio do Prazer/Desprazer junto à pulsão de vida. “Realidade” designaria

o desejo em sua dupla manifestação: relação com o outro e ruptura com o outro.

“Realidade psíquica” se define então como desejo (a ser claramente diferenciado de “necessidade”, conceito que corresponde à biologia). O real (a realidade) do ser humano seria sua condição desejante.

A neurose corresponderia a uma predominância da relação com o outro, mas nessa relação o conflito teria um papel preponderante, variando as suas manifestações em relação ao grau e aos aspectos do conflito.

A perversão, em contraste com a neurose, corresponderia ao predomínio dos “desejos infantis”. Como definir “desejos infantis”?

- 4) Os “desejos infantis” se definiriam pelo complexo de Édipo. E como definir complexo de Édipo?

Pela relação dual, ou seja, pela relação que exclui o terceiro (“a figura paterna”, na descrição clássica do complexo de Édipo). Daí a importância do texto sobre o Fetichismo (1927), relativo a esse comportamento sexual em que o fetiche representaria o “falo feminino” (isto é, o poder feminino, ou, mais exatamente, o poder da relação dual).

Estruturalmente, a ‘mãe fálica’ representa a relação dual, ou seja, o tipo de relação em que a completude entre o sujeito e seu objeto de desejo é total.

Entretanto, como escreve Freud, essa fantasia também nega o “real” do desejo, por postular a sua superação pela complementaridade.

Diferentemente da psicose, em que a tentativa de solução passa pela negação da relação com o outro, na perversão a relação persiste na medida em que a constatação da existência do desejo do outro não é eliminada pela busca da completude, apesar de ser esse o objetivo consciente da relação.

- 5) Teoria da constituição do sujeito. O Édipo, por sua vez, se insere na teoria da constituição do sujeito, que abrange a teoria do desenvolvimento da libido.

Teríamos então quatro etapas: a primeira poderia ser designada como simbiótica, na medida em que ainda não há sujeito, nem sequer em posição de objeto. Segue-se a posição de objeto (conforme a fase do espelho postulada por Lacan), em que a primeira manifestação do sujeito se dá na posição de objeto (o bebê se designa tal como é designado pelo adulto, em terceira pessoa). Com a aquisição da linguagem aparece o ego (ou melhor, a divisão ego / id, em que o id representará a posição de objeto “no interior” da posição de sujeito). O ego corresponde à emergência do desejo próprio (auto-designação em primeira pessoa, pronome ‘eu’). A quarta etapa significa a constatação do desejo do outro – o aparecimento do superego.

O autismo representaria a impossibilidade de sair da primeira etapa, e a esquizofrenia infantil a impossibilidade de sair da segunda etapa.

6) Nosografia (neurose, perversão, psicose, sublimação)

A relação com o outro seria uma consequência do estabelecimento do superego e se manifesta simultaneamente de forma conflitiva (neurose, perversão) e não conflitiva (sublimação), em graus diferentes e sob aspectos diferentes.

A neurose seria redefinida como fuga, a perversão como dependência e a psicose como ruptura com o objeto de desejo.

A sublimação, por sua vez, se definiria pela predominância da aceitação da falta.

(Na medida em que estiver presente, a sublimação designa a relação com o objeto de desejo não caracterizada pela fuga, nem pela dependência, nem pela ruptura). Assim como não haveria 'neurose' (fuga) pura, nem 'perversão' (dependência) pura, nem psicose (ruptura) pura, tampouco haveria sublimação pura (harmonia total na relação com o objeto de desejo).